

## **Decolonialidade e Comunicação para a Paz como possibilidades de enfrentamento às narrativas de violência<sup>1</sup>**

Diuan dos Santos Feltrin<sup>2</sup>  
Aline Lisboa<sup>3</sup>  
Raquel Cabral<sup>4</sup>  
Universidade Estadual Paulista

### **RESUMO**

Esta pesquisa propõe uma articulação teórica entre a comunicação para a paz, inserida no campo dos Estudos para a Paz (*Peace Studies*) e os estudos decoloniais. Embora situadas em contextos distintos, as abordagens convergem na medida em que questionam modelos hegemônicos e buscam alternativas que desafiem narrativas opressoras no campo comunicacional. A partir de uma investigação bibliográfica amparada em autores e autoras como Luciana Ballestrin, Claudio Maldonado Rivera, Erick Torrico Villanueva, Johan Galtung, entre outros/a, a pesquisa indaga de que maneira a comunicação para a paz pode ser pensada sob uma perspectiva decolonial. Espera-se que essa articulação contribua para o desenvolvimento de práticas comunicacionais críticas, inclusivas e plurais.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Decolonialidade; Comunicação para a Paz; Estudos para a Paz.

### **INTRODUÇÃO**

Esta proposta se fundamenta na articulação entre duas abordagens teóricas distintas: a Comunicação para a Paz, inscrita no campo dos Estudos para a Paz (*Peace Studies*), e a Comunicação Decolonial, desenvolvida a partir das teorias do pensamento decolonial na América Latina. Partimos do entendimento de que essas abordagens conceituais convergem para a construção das narrativas que podem potencialmente desnaturalizar ou deslegitimar violências.

As teorias da comunicação, em grande parte, são originadas do Norte Global, especificamente nos Estados Unidos e na Europa, de modo que os direcionamentos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação antirracista e pensamento afrodiaspórico, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Doutorando do programa de pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da UNESP (Universidade Estadual Paulista) de Bauru-SP. Desenvolve pesquisa com auxílio da FAPESP - processo nº 2022/07502-0, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: diuan.feltrin@unesp.br.

<sup>3</sup> Doutora pelo Programa de pós-graduação em Mídia e Tecnologia e doutoranda pelo Programa de Comunicação da Universidade Estadual Paulista. E-mail: aline.lisboa@unesp.br.

<sup>4</sup> Doutora em Comunicação pela Universitat Jaume I (Espanha) e docente da Universidade Estadual Paulista (Unesp). E-mail: raquel.cabral@unesp.br

assumidos por elas têm intenções específicas. Essas influências condicionam a prática comunicacional a operar a partir de cânones específicos. Destarte, tanto a Comunicação para a Paz quanto a Comunicação Decolonial surgem como rotas alternativas para tensionar o modo como os processos comunicacionais são orientados. Ambas as perspectivas confrontam violências de ordem colonial, presentes e naturalizadas nas práticas sociais e nas narrativas midiáticas.

A proposta de articular as perspectivas visa apresentar possibilidades de debater o campo da comunicação a partir de outras epistemologias, a fim de que as práticas comunicativas passem a valorizar conhecimentos que partam de bases historicamente subalternizadas pelas dinâmicas de colonização. Uma comunicação que tensione dinâmicas de violência e que fomente dinâmicas de equidade e inclusão, de forma crítica e engajada. A proposta se justifica diante da necessidade de traçar outras possibilidades comunicacionais diante da profusão de violências veiculadas e reforçadas pelas mídias, especialmente as hegemônicas. Ademais, abre possibilidades para futuras investigações empíricas diante da prática comunicacional exercida pelos meios.

Na sequência, apresentamos a fundamentação teórica com as principais articulações sobre comunicação para a paz e comunicação decolonial. Posteriormente, discorreremos sobre os pontos de convergência entre as perspectivas.

## **A COMUNICAÇÃO SOB O PRISMA DA DECOLONIALIDADE**

O pensamento decolonial se aplica à comunicação ao ampliar as discussões sobre os processos comunicacionais em diferentes esferas da sociedade. As contribuições dos estudos decoloniais latino-americanos ajudam a repensar a comunicação fomentando a justiça social (Torrigo Villanueva, 2016). Assim, a partir do escopo da decolonialidade, podemos refletir sobre como as práticas comunicacionais podem enfrentar os discursos que reproduzem lógicas colonialistas, presentes nos âmbitos do poder, do saber e do ser (Ballestrin, 2013).

Segundo Erick Torrigo Villanueva (2018), o campo comunicacional é perpassado por traços de colonialidade, de modo que a superação dessa condição requer esforços acadêmicos e, sobretudo, políticos. Isso porque, ao longo da história, os processos de colonialidade instauraram a supremacia europeia e universalizaram o que se entendia por ciência, arte e cultura, com base em um padrão capitalista, heteronormativo,

cristão e branco, caracterizadores da chamada Modernidade (Quijano, 1992). Isto posto, o pensamento decolonial, articulado na América Latina no início da década de 1990, por iniciativa de teóricos/as do coletivo Modernidade/Colonialidade (M/C), vem trazer novos horizontes epistemológicos, amparados em outras bases (Ballestrin, 2013). É nesse contexto que estão inseridos os debates em torno da decolonialidade comunicacional.

A Modernidade, analisada no escopo da colonialidade, se configura como um marco civilizatório que impõe classificações e hierarquizações entre os povos, sendo o conhecimento um elemento central para o exercício do controle e da exclusão do “outro” (Quijano, 1992; Maldonado Rivera, 2016). Nesse contexto, entendemos que as narrativas comunicacionais podem tanto reproduzir e legitimar essas hierarquizações quanto, por outro lado, contribuir para sua ressignificação. Descolonizar a comunicação, portanto, implica desafiar e transformar as lógicas de colonialidade do poder que permeiam as dinâmicas comunicacionais. Esse processo ocorre por meio da valorização das múltiplas vozes que resistem à dominação imposta pelos grupos hegemônicos.

Ao tecer críticas à perspectiva funcionalista e pragmática da comunicação, Torrico Villanueva (2018; 2019) argumenta que descolonizar o campo exige um olhar distante do “centro”, uma vez que, nesse contexto, o fazer comunicacional tende a ser mecânico, unilateral e verticalizado. Para o autor, o espectro teórico da comunicação ocidental, amplamente difundido na literatura americana e europeia, influencia significativamente a comunicologia latino-americana. Essa abordagem, no entanto, restringe a compreensão dos aspectos sociais, que constituem justamente o ambiente complexo e multifacetado no qual o ato comunicacional se desenvolve (Torrico Villanueva, 2019).

Ao encontro desses argumentos, Maldonado Rivera (2016) analisa as contribuições e paradoxos do pensamento decolonial, destacando seu impacto nos estudos de comunicação na América Latina. O autor enfatiza a necessidade de uma reflexão crítica sobre as matrizes epistêmicas que fundamentam o campo, considerando que elas são influenciadas por lógicas impostas pelo capitalismo cognitivo, resultado do colonialismo promovido pelo Norte global. Diante disso, torna-se essencial reivindicar e resgatar a tradição e a criatividade do pensamento crítico, autônomo e libertador, que historicamente orienta os estudos na região. Para o teórico, tanto no campo da comunicação latino-americana quanto nos estudos decoloniais, há elementos

fundamentais para a construção de uma “comunicologia regional descolonizada, que deverá estar aberta ao diálogo com o conhecimento subalternizado” (Maldonado Rivera, 2016, p. 146).

Cientes de que os conceitos fundamentais da comunicação são historicamente situados no Norte global, reconhecemos que repensar os cânones do campo é um processo gradual. Os esforços empreendidos na América Latina são legítimos, não por negarem as perspectivas tradicionais, mas por ampliarem o debate ao incorporar contribuições oriundas de outras experiências, existências e repertórios (Castro Lara, 2023). Esse movimento é essencial tanto para a descolonização da comunicação quanto para o enfrentamento das múltiplas formas de violência que perpassam as narrativas contemporâneas.

## **CONVERGÊNCIAS ENTRE A COMUNICAÇÃO PARA A PAZ E A PROPOSTA DECOLONIAL**

Situada no contexto dos Estudos para a Paz (*Peace Studies*), a Comunicação para a Paz é pensada como caminho teórico e prático de enfrentamento em contextos de violência. Johan Galtung (1969), um dos principais teóricos do campo, explica a violência a partir de três tipologias: direta (visível), estrutural e cultural (não são percebidas de forma efetiva). Como o próprio termo denota, a violência direta é aquela cujos atores são facilmente identificados, ao passo que, na violência estrutural e cultural, existem camadas mais profundas e complexas. A violência cultural, compreendida como aquela que se manifesta de forma naturalizada nas normas e comportamentos sociais, tende a perpetuar opressões de matriz colonialista. Assim, os discursos comunicacionais desempenham um papel fundamental na maneira como essas violências são reproduzidas e disseminadas. A Comunicação para a Paz atua no sentido de ressignificar essas violências, identificando suas causas e sugerindo soluções.

Em contextos fortemente marcados por violências, a comunicação exerce um papel central na legitimação ou na desconstrução dessas lógicas de violência. A prática comunicacional pode ser utilizada para reforçar o pessimismo, o medo e a descrença diante de situações de conflito, promovendo a inércia e desestimulando o engajamento social em prol da mudança, de modo que a transformação social passa a ser percebida como improvável (Arévalo Salinas, 2014). Esse conformismo diante das opressões pode

ser estrategicamente explorado por grupos e organizações dominantes para fortalecer discursos de matriz colonialista. É justamente nesse ponto que a comunicação e o Jornalismo para a Paz emergem como caminhos para ressignificar os esquemas discursivos e ampliar possibilidades de mudança (Cabral; Salhani, 2017).

É possível identificar pontos de convergência entre a Comunicação para a Paz e a Comunicação Decolonial, especialmente quando consideramos o caráter transgressor de ambas. Essas abordagens desafiam as lógicas hegemônicas da comunicação ao propor novos direcionamentos e se apresentarem como resistência diante de contextos marcados por violências estruturais e culturais, enraizadas em narrativas historicamente perpetuadas pelo colonialismo. Tanto a Comunicação para a Paz quanto a Comunicação Decolonial valorizam e ampliam a multiplicidade de vozes em uma narrativa, evitando o risco das "histórias únicas", conforme alerta Adichie (2019). Diferentemente dos modelos dominantes de comunicação, frequentemente controlados por grandes organizações, essas perspectivas ressaltam a urgência de combater as violências por meio do engajamento social. Ao mobilizar a sociedade de forma crítica e indignada, criam-se possibilidades concretas de enfrentamento.

As perspectivas se encontram, portanto, na busca pelo que Vicente (2015, p. 287) denomina como "paz ativa", ou seja, uma paz que leve em conta as estruturas determinantes da organização social, econômica e política. O autor destaca que as desigualdades, injustiças e exclusões são resultado de sistemas historicamente construídos e impactam a vida humana em todas as suas dimensões.

## **CONSIDERAÇÕES**

A articulação teórica apresentada nesta proposta busca ressignificar a forma como os processos comunicacionais são desenvolvidos na contemporaneidade. Considerando que as teorias da comunicação foram historicamente construídas a partir de estruturas e bases epistemológicas colonialistas, torna-se essencial refletir sobre a necessidade de sua descolonização. Esse movimento visa enfrentar as violências inerentes a essas práticas e propor alternativas mais inclusivas e plurais.

Essas abordagens apontam caminhos para práticas midiáticas que priorizem a multiplicidade de vozes e que atuem ativamente no combate a narrativas opressoras

oriundas de lógicas colonialistas. Tanto a Comunicação para a Paz quanto a Comunicação Decolonial emergem como estratégias fundamentais nesse enfrentamento, oferecendo rotas alternativas para a construção de discursos mais justos e representativos. Além disso, essa articulação abre possibilidades para investigações futuras, especialmente no que tange à aplicação prática dos itinerários comunicacionais propostos por essas teorias.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ARÉVALO SALINAS, A. I. Periodismo y comunicación para la paz. Indicadores y marco regulatorio. **Revista Comunicación y Ciudadanía Digital – COMMONS**, v. 3, n. 1, p. 57-92, 2014.
- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, 2013.
- CABRAL, R.; SALHANI, J. Jornalismo para a paz: conceitos e reflexões. **E-Compós**, Brasília-DF v. 20, n. 3, p. 1-20, 2017.
- CASTRO LARA, E. La matriz epistémica decolonial en Comunicación: La relación comunicación-conocimiento. In: CASTRO LARA, E.; TORRICO VILLANUEVA, E.; CEBRELLI, A. (Orgs.). **Pensares y haceres para una comunicación decolonial**, Quito, Ecuador, Ediciones Ciespal, p. 69-93, 2023.
- GROSGOUEL, R. Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna decolonial. **Contemporânea**, v. 2, n. 2, p. 337-362, 2012.
- MALDONADO RIVERA, C. Contribuciones y paradojas del pensamiento decolonial. Apuntes para re-pensar el campo comunicológico regional. In: CABALLERO, Francisco Sierra; RIVERA, Claudio Maldonado (Orgs.). **Comunicación, Decolonialidad y Buen Vivir**. Quito, Ecuador, Ediciones Ciespal, p. 143-169, 2016a.
- QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú Indígena**, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.
- TORRICO VILLANUEVA, E. **Hacia la comunicación decolonial**. Bolívia: Universidad Andina Simón Bolívar, 2016.
- TORRICO VILLANUEVA, E. La Comunicación decolonial, perspectiva In/Surgente. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 15, n. 28, 2018. DOI: 10.55738/alaic.v15i28.472. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/472>. Acesso em: 25 mar. 2024.
- TORRICO VILLANUEVA, E. Para uma comunicação ex-cêntrica. **MATRIZES**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 89- 107, 2019.